



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos 7 anos do Programa Bolsa Família e
lançamento da nova versão do Cadastro Único dos Programas Sociais**

Brasília-DF, 07 de dezembro de 2010

Boa noite, minha querida companheira Márcia Lopes, ministra do
Desenvolvimento Social e Combate à fome,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Minha querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa
Econômica Federal,

Nossas queridas companheiras Ana Paula, que falou aqui, a Isabela, a
Giana, a Bárbara, a Rita, a Paulina, a Débora. Companheiras que parecem
mais que estão participando de um desfile de Miss Universo, e que
representando aqui... Parabéns.

Meu caro Pablino Cáceres, ministro da Secretaria de Ação Social da
República do Paraguai,

Nossa querida companheira Ana Maria Vignoli, ministra do
Desenvolvimento Social da República Oriental do Uruguai,

Nossa querida companheira Inés Paéz D'Alessandro, vice-ministra de
Desenvolvimento Social da República da Argentina,

Companheiros participantes desta festa do 7º aniversário do Ministério
do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês viram que hoje eu vim desarmado, companheira Arlete, nenhum
documento para ler, a não ser a nominata. E até porque eu não estaria em
condições de fazer um discurso aqui e ficar emocionado. Então, eu vou, vou



com muito cuidado, porque quando você tem 65 anos de idade o coração já está que nem coração de passarinho: mais devagar, menos emoções.

Mas eu penso que o depoimento que essas companheiras prestaram, e a que nós assistimos no telão, demonstra o acerto da nossa teimosia. Primeiro porque, quando nós começamos o Programa Fome Zero... E é importante lembrar, Maria Fernanda e companheira Márcia, que o Programa Fome Zero, ele foi pensado ainda no Instituto Cidadania, antes de eu ser presidente da República. E nós fomos vítimas de muitas críticas. Aliás, acho que o companheiro José Graziano, que foi o primeiro ministro, o companheiro Patrus, depois. E as companheiras que participaram do Programa, muitas vezes foram dormir inconsoladas com a quantidade de matérias publicadas contra o programa Fome Zero. Algumas até por ignorância; outras, um pouco de ignorância e um pouco de má-fé; e outras, crítica política sem nenhum fundamento, aquela de que o Programa era populista, de que o Programa era um programa que não tinha resultado, que eu deveria estar pegando esse dinheiro e aplicando em uma estrada. Aí depois inventaram a tal da porta da saída, ou seja, porque incomodava as pessoas o fato de os pobres terem acesso ao mínimo necessário, que até então não tinham. E eu lembro quantas vezes o Graziano, ele via jornal, ele entrava no meu gabinete, parecia que ele ia ter um infarto de tanta pressão, de tanta crítica que... Outros diziam que era esmola e não faltaram adjetivos para acusar o Programa, ou seja, pessoas que nunca se importaram com outros que tomavam bilhões emprestados e que nunca pagaram, se importavam com 80, com 70, com 50, com R\$ 100,00, que a gente decidiu dar para a parte mais pobre da população.

Isso demonstra como estava incrustada na consciência das pessoas que governavam este país há muito tempo a ideia de que “olha, tem uma parte da sociedade para quem nós vamos governar e tem uma parte da sociedade que a natureza toma conta. Não importa que as crianças morram de desnutrição, não importa que as crianças morram no parto, não importa que as pessoas



vivam 48 anos, 50 anos, não importa que uma mulher de 30 pareça uma mulher de 70, não importa. Os pobres, a gente os utiliza como dado estatístico”. Não tem quem não goste de utilizar uma estatística, tem tantos milhões de pobres no mundo, tem tantos milhões de abortos, tem tanto milhões das coisas... E as pessoas não se dão conta de que por detrás de cada número tem um ser humano. Uma pessoa que, muitas vezes, na sua humildade, tem mais sabedoria que a prepotência de alguns que têm tempo de falar e escrever todo santo dia.

Eu não sei o que seria do povo brasileiro se a gente não tivesse tido a ousadia de enfrentar essa situação e criar o programa Fome Zero, que depois, se abrindo um guarda-chuva e se transformou em Bolsa Família. Porque não são apenas esses 12,8 milhões de famílias que estão participando diretamente, são os outros milhões que estão participando em outros programas que têm similaridade com o Bolsa Família.

Ontem, companheira, Márcia, o programa Luz para Todos vai chegar a mais de 13,4 milhões de pessoas atendidas. Só para vocês terem ideia, só para vocês terem ideia, são quase 2,7 mil ligações em casas que viviam no século XVIII e que nós trouxemos para o século XXI. E quando a gente traz o Luz para Todos, a gente traz uma televisão em seguida, a gente traz um liquidificador, a gente traz uma geladeira, a gente traz uma casa de farinha, a gente traz alguma coisa que significa progresso. Além de que foi um programa que gerou, ao longo da sua implantação, 345 mil empregos e um programa que o governo federal investiu R\$ 14 bilhões, mais do que o Bolsa Família. Está certo que o Bolsa Família se repete todo ano e o Luz para Todos não se repete todo ano, mas quando nós começamos o Luz para Todos também, Márcia, os dados do IBGE eram de que nós tínhamos 2 milhões de casas sem energia. Quando nós fomos a campo, descobrimos 3 milhões, e agora que estamos cumprindo os 3 milhões, descobrimos mais 500 mil casas que não tinham energia, ou seja, são 4 milhões de casas que não tinham energia neste país.



Além do que pode significar aquele programa extraordinário do PAA, de que nós participamos na semana passada, além do que pode significar o programa Territórios da Cidadania, que é, na minha opinião, o mais extraordinário programa e que ainda está em execução, não está totalmente implantado porque nós colocamos muita coisa, muita carga em cima do caminhão, a gente poderia ter diminuído um pouco a carga para poder fazer os projetos-piloto em primeiro lugar. Mas, de qualquer forma, é um desafio que não tem mais retorno e vai continuar crescendo.

Também, Márcia, a questão do microcrédito. As pessoas não têm dimensão... Eu viajo muito para o estrangeiro e no “Aerolula”, que eu pensei que era meu, como a imprensa dizia que era “Aerolula”, a oposição dizia que era “Aerolula”, agora está terminando o meu mandato e eu descobri que não é meu. A dona Dilma vai ganhar o avião sem receber uma crítica que eu recebi. E, agora, eu vão colocar “Aerodilma” e eu não vou ganhar nem, nem, nem... não vou ganhar nada, ou seja, perdi meu avião. Mas, a gente viaja muito o mundo e a gente fala muito em macroeconomia, não sei das quantas, e a gente não discute a microeconomia, que é a grande revolução que tem neste país hoje.

Eu fiquei impressionado, naquela reunião do microcrédito, da quantidade de dinheiro que está disponibilizado para as pessoas humildes, como essa companheira, que pegou R\$ 200,00 emprestados. Eu fui ao Canal do São Francisco, na transposição, e eu conto essa história, porque é a história de um milagre, é a história de um milagre: uma mulher pegou R\$ 50,00 emprestados com o afilhado dela, para fazer pastel para vender para os operários que estavam trabalhando no canal da transposição. Depois que essa mulher vendeu um pouco, ela, de 50 pastéis passou a vender cem, passou a vender guaraná, passou a vender marmitta e montou um restaurante para servir 400 refeições. Já tinha comprado uma moto e, orgulhosamente, ela me disse: “Ô presidente Lula, eu estou muito feliz porque acabei... Este ano eu paguei R\$



5.000,00 de Imposto de Renda”. Enquanto tanta gente se orgulha de sonegar, uma pobre do sertão se orgulha em ter pago R\$ 5.000,00 de Imposto de Renda.

É este país que está efervescendo e que, muitas vezes, não aparece. De vez em quando, de vez em quando algumas pessoas ficam preocupadas: como é que o governo se fortalece a cada dia que passa, se nós não falamos bem do governo? É porque as coisas estão acontecendo, independentemente de quem quer que seja, as pessoas estão recebendo o benefício em casa. As pessoas não dão importância a R\$ 80,00 ou R\$ 90,00 do Bolsa Família porque tem gente que dá isso de gorjeta depois que toma uísque, ou as pessoas gastam isso para jogar maquininha. As pessoas não sabem o significado de uma pessoa ter R\$ 50,00 para entrar em uma bodega e comprar coisas para levar para casa, as pessoas não têm noção de como é mais fácil a gente cuidar do povo pobre. Aliás, acho que essa é uma lição que daqui para frente, ninguém mais terá coragem de mudar, ninguém mais.

E eu acho, companheira Márcia, que nós ainda estamos fazendo pouco, é possível fazer mais, é possível a gente ousar um pouco mais, é preciso, agora... Estava dizendo para o Suplicy: agora, com o pré-sal, tem tanta gente brigando pelo pré-sal, tem gente puxando pré-sal para tudo quanto é lado. E o pré-sal precisa ser um instrumento para acabar definitivamente com a miséria no nosso país, para resolver o problema da educação, para resolver o problema da ciência e tecnologia, para resolver o problema cultural, o problema ambiental, ou seja, é muito dinheiro, que a gente não pode se dar ao luxo de permitir que esse pré-sal seja jogado no lixo, no limbo, no esgoto como muitas vezes o dinheiro foi jogado, neste país.

Nós estamos terminando o mandato e nós estamos fazendo uma prestação de contas. E nós estamos fazendo uma prestação de contas não apenas porque nós temos orgulho daquilo que fizemos, nós estamos fazendo uma prestação de contas para que o resultado do nosso governo sirva como



uma espécie de um farol, de um alento ou de um novo paradigma para as coisas que nós temos que fazer no Brasil. Ou seja, definitivamente as pessoas aprenderam a reivindicar no Brasil, as pessoas aprenderam que é bom conquistar coisas no Brasil. E nós sabemos que ainda falta muito para ser feito, e nós também sabemos que o desmazelo de 500 anos ou de cem anos não será resolvido em oito anos ou em dez anos. É um processo que começou. É como a construção da Muralha da China: se ficasse uma pessoa olhando o tamanho daquela muralha, eles jamais começariam a colocar o primeiro tijolo; se eles ficassem olhando a dificuldade, a extensão e a quantidade de material, eles não começariam. Eles só começaram porque eles foram ousados. E eu acho que nós fomos ousados.

Então, eu queria dizer para vocês que a frase “a minha vassoura é a caneta da minha filha” é uma coisa que deveria ganhar o destaque, o prêmio da frase mais significativa que eu já pude ouvir em todos esses oito anos de presidente da República.

E, Márcia, eu queria lamentar a ausência do companheiro Patrus, que parece que vem amanhã, a ausência do companheiro Graziano, que está no Chile, e de outros companheiros que trabalharam com vocês aqui. Dizer para vocês que valeu a pena a gente acreditar.

Eu... Vocês podem ter certeza de que vocês fizeram com que no dia 1º de janeiro, quando eu descer aquela rampa, depois de entregar a faixa para a Dilma, eu saia de cabeça erguida, com o orgulho imenso de ter feito o que nós fizemos e de não ter vergonha. Se eu não fiz mais foi porque não sabia, ou se eu não fiz mais foi porque não tinha competência. Mas o que nós fizemos foi mais do que os outros fizeram neste país.

E não, não poderíamos fazer se não fossem vocês, não poderíamos fazer. Acho que vocês, que se dedicaram, um Ministério que teve muita dificuldade, um Ministério que teve dificuldade de ser aprovado no Congresso, um Ministério que trabalhou com uma dificuldade de infraestrutura muito



grande: a gente não tinha os funcionários corretos, a gente não tinha os cargos corretos, foi um trabalho imenso. E eu sou obrigado, de coração, a agradecer cada um de vocês e cada uma de vocês que trabalhou no Ministério, às vezes até altas horas da noite, para suprir a deficiência de cargos que nós tínhamos. Eu sou muito agradecido, e essas pessoas que estão aqui sabem que para nós elas são motivo de orgulho, mas vocês... que se não fossem vocês, possivelmente o cartãozinho, que elas dão tanto valor, não tivesse chegado às mãos delas e as crianças não tivessem comido um bocadinho de feijão com arroz.

Então, eu acho que vocês foram a cumplicidade que eu precisava para que o programa desse certo. É verdade que no meio da gente sempre tem alguém que se acovarda, sempre tem alguém que para no meio do caminho. Em uma luta que a gente tem que subir seis degraus, tem gente que vai até o 17º, mas tem gente que para no segundo, para no terceiro, desanima, não deu certo. E vocês são aquelas pessoas que persistiram. E continuam persistindo porque vocês, além de fazer o Programa continuar, vocês agora têm uma outra responsabilidade: vocês, agora, têm uma mulher na Presidência da República.

Então, vocês imaginem: o primeiro desafio nosso era convencer a sociedade de que um torneiro mecânico podia presidir este país, nós fizemos. E, agora, nós temos que provar que valeu a pena, depois desse torneiro mecânico, a gente quebrar, definitivamente, todas as entranhas do preconceito neste país e eleger a primeira mulher presidente da República. Não uma mulher qualquer, uma mulher que aos 20 anos alguns imaginaram que podiam tirá-la da luta, a prenderam, a torturaram, achando que aquilo teria quebrado a espinha dorsal dela e que nunca mais ela iria se meter em política. Vejam o que é o destino: essa, que alguns pensaram que teriam tirado ela da luta política volta, dando a volta por cima, para ser presidente da República deste país. Certamente, a pessoa que a torturou deve estar sendo torturado neste momento, não com chibatada, não com choque, mas com a vergonha de



compreender de que a luta política que se faz a gente não tenta truncar ela afastando pessoas.

E a Dilma chega à Presidência sem raiva, sem ódio e, eu tenho certeza, com muita disposição de ser um exemplo de que a mulher entrou na política para nunca mais sair, nunca mais sair. E a Dilma, da mesma forma que eu tive que provar todo dia que tinha competência para governar, a Dilma tem que provar todo dia que as mulheres estão aptas a fazer muito mais do que aqueles que um dia acharam que a mulher era sexo frágil, ou insinuaram que as mulheres tinham menos neurônios, ou insinuaram que a mulher não tinha a mesma competência. É uma chance extraordinária que vocês não podem jogar fora.

Portanto, minhas princesas... Se um dia eu montar um programa de auditório, eu vou convidar todas vocês. Vocês são o exemplo maior da minha alegria. Eu, eu sei, eu sei... A Ana Paula me abraçou chorando e dizendo que já passou fome. Ana Paula, só para você saber, o meu pai, quando eu vim de Pernambuco, o meu pai tinha duas mulheres. A minha mãe foi morar em uma casa e a outra foi morar na outra casa. E eu tinha que levar um barril d'água de 200 litros, puxando, era um barril grande, eu e meu irmão, Frei Chico, com uma corda na barriga, em uma estrada de areia, lá em Santos, era pesado para desgrama, a gente ia levar. E quando chegava lá, ela dava pão amanhecido para a gente, a outra mulher do meu pai, e eu adorava, eu adorava. E a minha mãe um dia soube, minha mãe ficou com ódio, porque ela não admitia que eu comesse o pão que a outra mulher do meu pai me dava para comer. E eu dizia: "Eu não vou comer", mas eu comia, eu comia porque eu estava com fome.

Então, eu acho que o Brasil vive um momento especial. Quando o Brasil é capaz de produzir uma mãe como a tua, nas condições adversas em que ela viveu, e ela criar uma filha como ela criou você e, certamente, como essas companheiras estão criando os seus, a gente não tem porque ver um cidadão de classe média desanimar, ou ver alguém ficar chorando que não vale a pena.



Só tem uma coisa que não vale a pena: é a gente desistir de lutar, a gente não ter coragem de persistir todo santo dia.

A vida é muito curta, e a nossa passagem pela Terra só tem significado se a gente lutar todo santo dia para conquistar alguma coisa. E eu acho que vocês são exemplo de pessoas que não desanimaram, que lutaram.

Eu, quando vi uma companheira construindo uma casa maior do que a minha. A bicha tem tanto tijolo na casa, que parece uma mansão. Um dia eu vou te convidar para ver o apartamento que a dona Marisa, agora, está tentando arrumar, o meu apartamento em São Bernardo. Tem tanta goteira que eu estava pensando em comprar um guarda-chuva para cobrir ele, e estou lá tentando cobrir, já que o Hereda não empresta dinheiro da Caixa, está a dona Marisa lá, tentando consertar os buracos do apartamento.

Mas quando eu vejo uma pessoa como você e outras companheiras vencerem na vida é que eu... valeu a pena. Se não tivesse nada que justificasse eu ter passado pela Presidência da República, a frase da tua mãe de que a vassoura dela é a tua caneta, já teria valido a pena.

Por isso, gente, muito obrigado, de coração. Vamos continuar na luta, porque tem muita coisa para fazer no Brasil, ainda, tem muita coisa.

(\$211 A)